



Áudio slideshow como formato para reportagens multimídia: primeiras aproximações¹

Marcelo Freire Pereira de Souza²
Universidade Federal da Bahia

Rodrigo Carreiro³
Faculdade Social da Bahia

Resumo

Esse artigo faz de forma preliminar uma análise da estrutura do formato Áudio slideshow e sua aplicação como formato para reportagens no webjornalismo. Ele é composto por imagens estáticas, texto e áudio e conjuga características do jornalismo online, mas também elementos da narrativa radiofônica. Além de mapear algumas das suas características, realizamos uma breve revisão de literatura sobre o conceito de reportagem nas mídias tradicionais e na internet.

Palavras-chave

Áudio Slideshow, Reportagem, Jornalismo Online, Narrativa Radiofônica

Introdução

Este artigo pretende discutir a utilização do áudio slideshow como formato para reportagens no jornalismo online. Compreendemos que há pouca pesquisa acadêmica sobre este formato especificamente, por isso, buscamos identificar, mesmo de forma preliminar, algumas estruturas utilizadas frequentemente em veículos / agências de notícias com produção regular de conteúdo combinado de fotos com áudio. Assim utilizamos áudio slideshows publicados nos sites: Garapa, Agência Brasil, MSNNBC.com e Reuters.com para analisar a composição na narrativa imagética e sonora e suas formas de veiculação. Contudo, antes disso faremos uma revisão de definição do gênero reportagem para o jornalismo online para então observarmos a utilização do áudio slideshow neste contexto.

Reportagens na internet

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Marcelo Freire é doutorando e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Facom/UFBA. email: marcelofreire@gmail.com

³ Rodrigo Carreiro é jornalista e Pós-Graduando em Jornalismo e Convergência Midiática, da Faculdade Social da Bahia - FSBA, email: rodrigocarreiro@gmail.com



As discussões sobre conceitos e classificações dos gêneros no jornalismo impresso remontam à década de 60, com as obras de Luiz Beltrão. Na busca pela sistematização das pesquisas em jornalismo, o acadêmico subdividiu as produções de impresso em informativo, interpretativo e opinativo. Cerca de vinte anos depois outro pesquisador, José Marques de Melo, realizou uma releitura das obras de Beltrão, levando o estudo de gêneros a um lugar de destaque na pesquisa brasileira em comunicação.

As classificações dos dois autores, embora apresentem algumas divergências principalmente no que diz respeito ao enquadramento dos tipos de texto, seguem padrões semelhantes. Como informativo compreende-se a cobertura diária de informações, que envolve o *hard news*⁴. Para Beltrão, um dos subgêneros fundamentais do jornalismo informativo é a notícia, que ele compreende como “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

Já o jornalismo interpretativo busca compreender e trabalhar com dados em aprofundamento, mais elaborados e com ampliação das vozes atribuídas às fontes de informação. Trata-se, então, como o nome expressa, de um gênero que busca interpretar acontecimentos e dados, apresentando uma visão mais ampla dos temas tratados (BAHIA, 1990; VILAS BOAS, 1996). Beltrão (1976) acredita que é função do jornalismo interpretativo apresentar uma multiplicidade de pontos de vista sobre o acontecimento, permitindo, desta forma, que o leitor tenha subsídios para tirar suas conclusões acerca do assunto. Entre os gêneros principais do interpretativo está a reportagem em profundidade, conceituada por Beltrão.

O texto interpretativo é utilizado no meio impresso com mais frequência – embora não com exclusividade – em revistas, cadernos especiais e suplementos. Isso se deve à periodicidade destas publicações que, sendo divulgados semanal, quinzenal ou mensalmente oferecem ao jornalista mais tempo para a investigação dos fatos, para a ampliação das fontes consultadas, para o cruzamento e análises dos dados coletados e

⁴ Segundo Beltrão (1969), a reportagem insere-se no jornalismo informativo. Entretanto, é importante ressaltar que, por definição, o que compreendemos por reportagem ao definirmos objeto de pesquisa da presente dissertação enquadra-se no conceito de reportagem em profundidade. Ainda de acordo com Beltrão, a reportagem em profundidade busca instigar o leitor e não se restringir ao simples relato da informação, enquanto a reportagem classificada como informativa é “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (BELTRÃO, 1969, p. 195).



para a adoção de uma narrativa mais criativa. “[...] o texto de uma revista semanal é mais investigativo e interpretativo, menos objetivo e mais criativo” (VILAS BOAS, 1996, p. 41). Ainda segundo o autor, este gênero se apega mais aos fatos, primando sempre por aprofundamento e pela apresentação de aspectos diversos da mesma informação.

A terceira classificação apresenta o jornalismo opinativo, composta, como o nome expressa, por textos que demonstram a opinião de seus autores, com estrutura e objetivo que variam de acordo com o gênero em questão (BAHIA, 1990). Trata-se, aqui, de textos que se inserem em meios de comunicação de distintos formatos e periodicidades.

Os estudos sobre os gêneros jornalísticos, suas especificidades e sua inserção e/ou adaptação aos meios de comunicação originam-se nas discussões do impresso. Por isso, para ampliar o olhar acerca do gênero webreportagem, é fundamental compreender seu princípio, os autores e propostas que são fontes para as definições iniciais que permeiam, de maneira mais ou menos intensa, os debates sobre o fazer jornalístico, seu discurso e sua finalidade, isto é, seus pressupostos e definições de gênero. Pretendemos, portanto, discutir as características, especificidades e classificações da reportagem em impresso, inserida no jornalismo interpretativo, para, através dela, ampliarmos o debate sobre a construção de webreportagens, gênero ainda pouco debatido no campo acadêmico e carente de sistematizações e análises.

José Marques de Melo (1994, p. 65) acredita que a reportagem “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. Ainda que tenha sido conceituada, como dito, originalmente para o jornalismo impresso, esse gênero é adotado por todos os meios de comunicação como uma ferramenta para ampliação de informações em conteúdo, seja nos meios eletrônicos convencionais, digitais ou impressos.

Observa-se, ao pensar a conceituação da reportagem que, embora ela se origine de uma notícia, ambas não podem ser consideradas como sinônimos. Isso porque quando uma determinada notícia possui complexidade e variedade de informações contextuais necessárias para demandar uma reportagem, assume outro caráter, específico e não necessariamente vinculado à factualidade, que lhe atribui outro papel



como informação. Vilas Boas (1996, p. 43) lembra que, mesmo com essa reconfiguração, uma reportagem nunca perde seu potencial noticioso e que nem sempre uma notícia irá demandar uma ampliação como esta, que vai além de uma simples compilação de informações relacionadas a um fato, exigindo crítica, observação e análise.

Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005), ao tratarem especificamente da reportagem em radiojornalismo, ressaltam que o objetivo central está em explicar um problema, argumentar uma tese ou narrar uma ação que se refere a um tema de atualidade informativa, portanto, com potencial noticioso. Para isso, lança mão de distintas estratégias narrativas, como o uso de personagens, a construção de histórias e a retomada de dados e contextos sobre o fato.

Ao contar uma história em uma reportagem, segundo Coimbra (1993), o jornalista pode utilizar algumas ferramentas discursivas e de apuração. Esses instrumentais determinariam, segundo o autor, o estilo de texto desenvolvido. Primariamente, a classificação envolve três tipos de reportagem: descritiva, narrativa e dissertativa. Coimbra ressalta, no entanto, que as características de cada um dos estilos de reportagem não as fazem excludentes, mas permitem que se crie, ainda, categorias mistas, em que as reportagens fundem suas especificidades em busca das melhores estratégias para contar a história ao leitor.

A reportagem descritiva, explica Coimbra, trabalha com as possibilidades de percepção do sujeito. Assim, descreve, como o nome diz, elementos captados pelos sentidos, focalizando sua abordagem no sujeito e reforçando os atributos dos personagens. Já a reportagem narrativa apóia seu texto em fatos organizados a partir de uma relação de anterioridade e posterioridade, mostrando, por exemplo, as alterações identificadas no estado das pessoas e das coisas. Trata-se, ainda segundo Coimbra, do estilo mais adotado no jornalismo, justamente por trabalhar com as relações de tempo e, desta maneira, aproximar a história do leitor.

Já a reportagem dissertativa pode ser a classificação mais diferente entre as três essenciais propostas pelo autor. Ela traz uma estrutura mais argumentativa e menos de relato, em que se tem como objetivo a exposição ou a explicação, interpretação de idéias e de acontecimentos. Trata-se de um raciocínio mais dedutivo e articulado, com raízes argumentativas fortes. Desta forma, podemos afirmar que a reportagem dissertativa



deve possuir um argumento central que, acompanhado de idéias secundárias, se encadeiam formando um raciocínio interpretativo. Para compor essa narrativa complexa, o locutor utiliza-se de diversas ferramentas lingüísticas, como a dedução, a comparação, o confronto, a analogia, a análise, a causalidade, entre outros, para sustentar seu discurso (COIMBRA, 1993).

Para chegar até essas informações e construir uma reportagem de maneira sistematizada, María del Pilar Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) acreditam que é importante seguir alguns passos. Desta forma, a complexidade e o aprofundamento da produção jornalística estariam assegurados, independente do meio de comunicação a que se destine a reportagem. A primeira etapa refere-se à identificação da idéia e conseqüente estabelecimento dos propósitos da cobertura. Ao saber dessas definições, o repórter pode definir o estilo da reportagem – ação que pretende nortear o processo de apuração das informações e que apresenta papel crucial na elaboração de uma reportagem para internet, por exemplo, já que define o fio condutor do texto e da busca por informações, personagens e fontes. Ainda neste momento, as possibilidades que o meio de comunicação adotado oferece apresentam-se ao repórter, que deve pensar não somente no caráter de aprofundamento do gênero, mas também no potencial multimidiático e de convergência que a web propicia.

Aliado aos recursos lingüísticos que tem ao seu dispor, às informações coletadas, à observação realizada em campo, o comunicador, ao compor uma webreportagem, deve considerar a necessidade de análise do fato – característica da reportagem – e as especificidades do meio de comunicação em que se insere ao cumprir as etapas cruciais de organização, análise, redação e edição do material jornalístico.

Uma característica do gênero no jornalismo impresso, que pode ser transposta diretamente para a reportagem na *web*, é a possibilidade, descrita por Beltrão, da formatação da reportagem não em um único texto. O autor (1976, p. 88) define que o jornalismo interpretativo (categoria em que se enquadra a reportagem) não é composto de uma matéria única, mas da união de diversos textos que cercam a ocorrência e fornecem sentido a ela. Cita ainda alguns elementos possíveis para a composição de uma grande reportagem: “uma chamada na primeira página, um texto-síntese em forma de pirâmide invertida, e uma seqüência de textos e ilustrações” (1976, p. 88).



Este formato organizado em diversos textos que se baseia na observação do jornal impresso, pode ser adequado à organização hipertextual dos blocos de informação. E é a partir desta característica que Diaz Noci define a reportagem na *web*. “Está claro que a reportagem é o gênero mais apto para o uso do hipertexto mediante composições complexas de nós informativos. Por ser ciclo mais lento de produção, permite mais riqueza multimidiática: texto + fotografias + sons + vídeos +...” (2001, p. 53).

Assim como Luiz Beltrão, Diaz Noci considera a reportagem como um gênero interpretativo e destaca que o formato é “uma boa ferramenta documental, mas um recurso informativo deficiente”. Contudo, ele aponta que este gênero webjornalístico é o melhor para aplicar o modelo em nove partes proposto por Robert Darnton:

1. O texto principal, que reflete a notícia ou o acontecimento que serve de base para a reportagem e ao qual se acessará, geralmente, a través do título convertido em link,
2. Os antecedentes, textuais, gráficos ou sonoros,
3. O contexto atual,
4. As reações e opiniões de diferentes especialistas e de leitores,
5. Análises, avaliações e expectativas futuras
6. Sempre que a notícia permita ou o fato permitam, galeria de fotos ou um gráfico ou gráficos sucessivos,
7. Vídeo com som ambiente, se a informação permitir,
8. Links externos relacionados ao tema,
9. Foruns e opiniões dos leitores⁵. (DIAZ NOCI, 2001, p. 54)

Para López García (2003) o espaço para os textos interpretativos no jornalismo online vem crescendo. Entre as razões para essa maior participação, o autor espanhol destaca as próprias características da internet que podem ser plenamente exploradas neste gênero: o aprofundamento da informação e a multiplicidade de fontes possíveis propiciados pela supressão do limite de espaço na composição da reportagem. Ele a define como “um relato mais extenso sobre qualquer aspecto da atualidade. O acontecimento tratado já é conhecido pelo público, mas é abordado de forma mais completa e documentada” (2003, p. 451) e sua estrutura básica seria formada por quatro níveis:

⁵ No original: 1) El texto principal, que refleja la noticia o el acontecimiento que sirve de base al reportaje y al cual se accederá, generalmente, a través del título convertido en enlace, 2) Los antecedentes, textuales, gráficos o sonoros, 3) El contexto actual, 4) las reacciones y opiniones de diferentes expertos y de los lectores, 5) análisis, valoración, propuesta de futuro, 6) siempre que la noticia o el hecho permitan, galería de fotos y/o un gráfico o gráficos sucesivos, 7) video con sonido de ambiente, si la información lo permite, 8) enlaces externos relacionados con el tema, 9) foros, opiniones de los lectores. (Tradução Nossa)



- Página ou nó inicial: A reportagem hipertextual, em um primeiro estágio, deveria limitar-se a oferecer um título e uma breve introdução geral [...]. Também poderia incorporar um “guia de leitura” proposto aos leitores de forma, que preservando a estrutura aberta da reportagem e a liberdade dos usuários para definir suas preferências, determine a possibilidade de seguir um itinerário de leitura “modelo” para adquirir a informação fundamental.
- Extensão do texto fonte atreves de uma série de documentos [...] que poderia se relacionar com os links e materiais complementares relativos aos blocos temáticos que formam a reportagem.
- Contextualização primária: documentos que complementam o núcleo da reportagem [...] e, em particular, trabalhos de infografia que ajudem a ilustrar o que foi apresentado no texto fonte (e, em certos casos, cheguem a substituí-lo como núcleo da reportagem.
- Contextualização secundária: em linhas gerais, trata-se de realizar um aproveitamento das fontes documentais de que dispõe o meio de comunicação para complementar a informação principal [...]
- Materiais alheios ao meio: por último, uma reportagem que aproveita as potencialidades do meio digital em que se desenvolve teria que complementar a informação com uma seleção de links feita a partir de critérios qualitativos e quantitativos que permitam ao leitor acessar fontes externas ao meio⁶ (LÓPEZ GARCÍA, 2003, pp. 459-460).

As aproximações do modelo em nove etapas de Robert Darnton feita por Diaz Noci, assim como a estrutura proposta por Lopez García remetem a arquiteturas de informação mais completas e uma redação que possibilite ao leitor uma compreensão das relações de causa e efeito do acontecimento abordado.

O professor Ramón Salaverría (2005) destaca a posição dúbia da reportagem que pode ser considerada tanto como um texto informativo quanto interpretativo, dependendo do tipo de abordagem pretendida pelo repórter. Ele retoma a classificação de Martínez Albertos, que nomeia as reportagens objetivas como aquelas que se apóiam nas informações básicas, sem licenças estilísticas, e as reportagens interpretativas como as de uma maior carga analítica e riqueza de estilo. Para Salaverría, a missão da reportagem vai além do resgate documental de acontecimentos ou declarações.

⁶ No original: - Pagina o nodo inicial: El reportaje hipertextual, en un primer estadio, debería limitarse a ofrecer un titular, una breve introducción general [...]. También podría incorporarse una “guía de lectura” propuesta a los lectores de forma que, preservando la estructura abierta del reportaje, y la libertad de los usuarios para definir sus preferencias, existiera la posibilidad de seguir un itinerario de lectura “modelo” para adquirir la información fundamental.

- Extensión del texto fuente a través de una serie de documentos [...] [que podrían] ponerse en relación con enlaces y materiales complementarios relativos a los distintos bloques temáticos que forman el reportaje.
- Contextualización primaria: documentos que complementan el núcleo del reportaje [...] y, en particular, trabajos de infografía que ayuden a ilustrar lo expuesto en el texto fuente (y, en ocasiones, lleguen incluso a sustituirlo como núcleo del reportaje).
- Contextualización secundaria: en líneas generales, se trata de realizar un aprovechamiento de los fondos documentales de que dispone el medio de comunicación para complementar la información principal.
- Materiales ajenos al medio: por último, un reportaje que aprovechara las potencialidades del medio digital en el que se desenvuelve tendría que complementar la información propia con una selección de enlaces, guiada por criterios a la par cualitativos y cuantitativos, que permitirían acceder al lector a fuentes externas al medio. (Tradução Nossa)



Este gênero se caracteriza assim mesmo por sua exuberância e o emprego de distintos estilos de redação, mais especificamente, a narração, a descrição, a exposição e, em menor medida, também, o diálogo (Alvarez, 1993). Ficaria de fora apenas o quinto tipo de texto, a argumentação, que considera-se patrimônio dos gêneros jornalísticos ou de opinião (Martínez Vallvey, 2002)⁷. (SALAVERRÍA, 2005, p. 521)

De acordo com o professor da Universidade de Navarra, o hipertexto é o grande responsável por essa variedade de estilos de redação. Ele afirma que é possível manter a concisão descritiva em um texto principal e ampliar os detalhes sobre os acontecimentos ou personagens envolvidos em desdobramentos apresentados ao longo deste texto principal. Ou seja, o gênero no hipertexto não se encontra entre dois tipos, mas podendo ser parte dos dois ao mesmo tempo, de acordo com o percurso escolhido pelo leitor.

Outro autor que trata da complexificação da reportagem no ciberespaço é Gutiérrez Siglic, que defende que em uma arquitetura da informação mais elaborada é possível a redação de “textos mais profundos e complexos, com uma maior quantidade de dados que podem ser lidos de maneira não sequencial⁸” (2006, p. 5). Ele indica que a construção dos hiperlinks deve ser feita levando em consideração conteúdos-chave que permitam um tratamento profundo do tema em questão e tragam diversas teorias que expliquem o caso. Consideramos, assim como maioria dos autores, a webreportagem como uma potencialização da reportagem categorizada pelos estudos de gêneros oriundos do gênero impresso. O hipertexto, a interatividade e a multimídia são os principais elementos desta adequação ao novo meio, que permitem a incorporação de diferentes estilos redacionais e formatos. Cabe ao leitor optar por um percurso que supra suas expectativas em relação ao gênero e à informação.

Áudio slideshow como formato

Na esteira evolutiva da produção de conteúdo na internet há uma diferenciação entre três fases distintas, cada uma com características bem definidas, como apontado

⁷ No original: Este género se caracteriza asimismo por su exuberancia en el empleo de distintos tipos de escrito, muy especialmente la narración, la descripción, la exposición y, en menor medida, también el diálogo (Álvarez, 1993). Quedaría fuera tan sólo el quinto y último tipo de escrito, la argumentación, que se considera patrimonio de los géneros periodísticos argumentativos o de opinión (Martínez Vallvey, 2002). (Tradução Nossa)

⁸ No original: textos más profundos y complejos, con mayor cantidad de datos que pueden ser leídos de manera no secuencial. (Tradução Nossa)



por autores como Canavilhas (2007), Palacios (2002), Barbosa (2002) e Mielniczuk (2003). Barbosa (2002) define a etapa inicial como modelo transpositivo, quando surgem os primeiros “jornais on-line”, como o caso do San José Mercury News, Chicago Tribune, e Daily Telegraph (CANAVILHAS, 2007) e, no Brasil, o pioneiro Jornal do Brasil, em 1995, que transpunham inteiramente o conteúdo do impresso para a web. O segundo momento é de criação de novas maneiras de chegar mais rapidamente ao leitor, na tentativa de dar mais agilidade ao noticiário e também diferenciar-se dos concorrentes. É nessa fase que o e-mail passa a ser utilizado como contato com fontes e envio de newsletter e começa-se a explorar outros elementos digitais, como hipertexto e multimídia, contudo, sem se desprender de formato do impresso, criando a chamada fase da “metáfora”. Nesse momento, os sites experimentam a instantaneidade de informações e adoção de conteúdo personalizado (PAVLIK apud MIELNICZUK, 2003). A terceira fase, que interessa particularmente nesse artigo, é chamada por Mielniczuk (2003) de webjornalismo de terceira geração. Nessa etapa, iniciada a partir da adoção de produtos exclusivos para a internet, destaca-se a exploração de elementos do jornalismo on-line pouco ou nunca utilizados anteriormente.

A idéia de se desenvolver veículos e formatos eminentemente para a rede mundial de computadores trouxe consigo uma infinidade de possibilidades, desde utilização de recursos multimídia, até a ampliação da personalização de conteúdo e utilização de hipertexto “não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística dos fatos” (cf. MIELNICZUK, 2003). Neste contexto, se insere o áudio slideshow, como uma potencialização do ensaio fotográfico, oriundo da mídia impressa, que levado para internet se reconfigura na estrutura de galeria de fotos, ainda podendo ser considerado como de segunda fase devido à sua vinculação com o formato original. É na que na conjunção com o áudio transforma-se em um formato próprio da internet unindo narrativa sonora com imagens estáticas.

Novos modelos tendem a criar novos produtos e novas maneiras de consumo, que levam em conta como profissionais da área conseguem conjugar as diversas características do jornalismo on-line. Nessa perspectiva, a multimídia funciona como um agregador de formatos de mídias tradicionais (PALACIOS, 2002), possibilitando que o usuário tenha acesso, num só lugar, a fotos, sons, imagens, entre

outros. A mensagem multimídia deve ser um produto polifônico em que se conjuguem conteúdos expressados em diversos códigos. Contudo, deve ser unitário (SALAVERRÍA, 2001). Essa unidade, na composição do áudio slideshow deve ser ressaltada na criação de uma narrativa audiovisual que seja mais do que o conteúdo das diferentes mídias agregados. Ou seja, deve ser um produto unitário sem justaposição de informação seja entre texto e foto, foto e áudio ou texto e áudio. Assim sua potencialidade como formato próprio e diferenciado será alcançada.

Identificamos duas formas de veiculação dos audio slideshows em arquivos de vídeo em diversas extensões (principalmente Flash Vídeo - .flv, Quick Time - .mov e padrão MPEG) variando de acordo com a estrutura do site e da ferramenta de publicação destes vídeos. A outra forma é através de uma galeria de fotos acompanhada por um player de audio que se inicia normalmente automaticamente com a abertura da página. Na imagem 01, do áudio slideshow Fight Club⁹ publicado pela Agência Reuters, o player pode ser visto no canto superior direito, logo acima da legenda em texto. Com essa interface o usuário pode optar por seguir a seqüência de fotos sugerida pelo veículo ou clicar nos thumbnails para ver as imagens ampliadas. Ele pode também desligar o áudio e ver apenas fotos e textos.

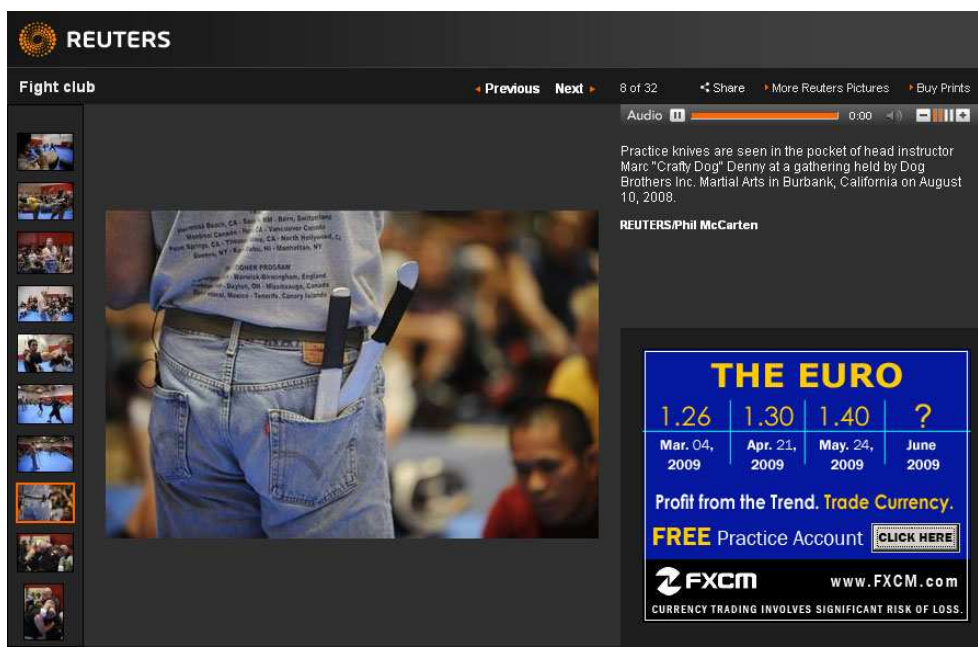


Figura 01: Fight Club

⁹ O audio slideshow Fight Club pode acessado através do endereço:
<http://www.reuters.com/news/pictures/cslideshow?sj=20080819194451.js&sn=Fight%20club&sl=32>

Já com a publicação através de vídeos a possibilidade do uso de texto é reduzida devido à limitação do tamanho da janela de vídeo que dificulta a leitura informações em grandes blocos de texto. Além disso, a única opção de navegação é avançando ou retrocedendo o vídeo arrastando a barra do player caso não se seja uma transmissão via streaming. Contudo, dependendo da ferramenta de publicação utilizada para a veiculação é possível compartilhar o vídeo ou inseri-lo em forma de embed em outra página da internet. Isso acontece no áudio slideshow MSTS¹⁰ publicado pelo Coletivo Multimídia Garapa no dia 06 de janeiro de 2009 que faz uso da ferramenta *Vimeo* que permite, além do embed e do compartilhamento, a valoração do vídeo em questão. Esse formato em vídeo é utilizado com regularidade pela Agência Brasil MSNBC.com, BBC News, entre outros veículos online.



Figura 02: MSTS

Neste formato, em vídeo, podemos encontrar na produção dos referidos sites, principalmente, no Garapa.org o uso de três tipos específicos de áudio na composição do áudio slideshow: o som ambiente; voz, em off ou em entrevistas; e músicas. Elementos, que segundo Maria Del Pilar Martinez-Costa (2005 p.44), seriam os três pilares de narrativa radiofônica: palavra, música e efeitos sonoros. Em História de Jantar¹¹, sobre as condições de um abatedouro no interior de São Paulo a trilha de Claire Obscure – Tombeau Nuptial – com andamento lento, sons repetitivos e acordes dissonantes amplificam a sensação de desconforto causado pelas imagens.

¹⁰ O áudio slideshow MTST pode acessa através do endereço: <http://www.garapa.org/2009/01/mtst/>

¹¹ História de Jantar pode ser acessado no endereço: <http://www.garapa.org/2008/04/historia-de-jantar/>



Figura 03 – História de jantar

Já em outra produção do grupo, “Domingos¹²”, o primeiro jogo da semifinal do Campeonato Paulista de 2008 realizado entre São Paulo e Palmeiras é “narrada” somente com som ambiente captado na arquibancada de uma das torcidas. Em ambos os casos temos a exploração da função narrativa (Martinez-Costa e Unzueta, 2005), para a composição de um produto que se apropria de elementos da narrativa radiofônica e também do fotojornalismo para criar um formato próprio.



Figura 04 – Domingos

Conclusões

O áudio slideshow em uma primeira análise mostra-se adequado para tratar de assuntos em profundidade, característica fundamental em uma reportagem. Isso porque conta com o detalhamento de imagem estática aliado ao áudio e ao texto. Sua utilização não demanda de uma produção muito elaborada, como no caso de uma infográfica multimídia, podendo ser inserida no dia-a-dia de uma equipe de reportagem tanto de

¹² Domingos pode ser acessado no endereço: <http://www.garapa.org/2008/04/domingos/>



veículos exclusivamente para internet como para aqueles em ambiente de convergência. Mesmo com interfaces diferentes, os dois formatos, galeria e vídeo, são adequados para veiculação do áudio slideshow. O primeiro cria uma legibilidade maior dos textos e mais opções no momento da fruição. Já o segundo, quando utilizado em sistemas de publicação que permitam a utilização da função embed, está mais adequado a web 2.0. Possibilitando que usuários compartilhem o áudio slideshow ou veiculem em suas próprias páginas pessoais. Contudo, em relação a narrativa o formato analisado neste artigo apresenta algumas peculiaridades, sua estrutura foge da proposta por uma webreportagem tradicional marcada pelo hipertextualidade. Ela está mais próxima da narrativa radiofônica por ter o som como fio condutor da história. Com isso, mesmo sendo um formato para internet, o áudio slideshow tem um forte veículo com a linguagem radiofônica.

Referências Bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica** – Volumes 1 e 2. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Suzana. O Jornalismo digital na cibercultura. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBAHIA.** (dissertação de mestrado), FACOM/UFBA, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa.** São Paulo: Folco Masucci, 1969. Coleção Mass-Media, vol.1.

_____. **Jornalismo interpretativo.** Porto Alegre: Sulina, 1976.

CANAVILHAS, João Messias. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. Trabalho apresentado no **I Congresso Ibérico de Comunicação**, Málaga – ES, Maio de 2001.

CANAVILHAS, João. **Webnotícia: propuesta de modelo periodístico para la www.** 1 ed. Portugal: Livros Labcom, 2007.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura.** São Paulo: Ática, 1993.

DIAZ NOCI, Javier. **La Escritura Ciberperiodística.** Hipertexto y construcción del discurso en el periodismo electrónico. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2001.

LÓPEZ GARCÍA, Guillermo. Géneros interpretativos: El reportaje y La crônica. In: DIAZ NOCI, Javier; SALAVERRIA ALIAGA, Ramon. **Manual De Redaccion Ciberperiodística.** Barcelona: Ariel, 2003.



MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio**: introducción a la narrativa radiofónica. Pamplona: EUNSA, 2005.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. (Tese de Doutorado) FACOM/UFBA, 2003
PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. Trabalho apresentado durante as **Jornadas de Jornalismo Online**, 21 e 22 de junho de 2002, Universidade da Beira Interior, Portugal.

SALAVERRÍA ALIAGA, Ramon. **Aproximación al concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental**. 2001. Disponível em:
http://www.ucm.es/info/periodI/Period_I/EMP/Numer_07/7-5-Inve/7-5-13.htm. Acesso em: 06/07/2009.

SALAVERRÍA ALIAGA, Ramón. Hipertexto Periodístico: mito y realidad. **Informació On Line**. Vol 01, Num 05, 2005. Disponível em:
http://cicr.blanquerna.url.edu/2005/Abstracts/PDFComunications/vol1/05/SALAVERRIA_Ramon.pdf, acesso em 02 out 2008.

SIGLIC, Gutiérrez. El reportaje inteligente en Internet. Aportes teórico-metodológico para la discusión. **Revista Latina de Comunicación Social**, 61, 2006. Disponível em:
<http://www.ull.es/publicaciones/latina/200613Siglic.htm>, acesso em 25 de agosto de 2008.

VILLAS-BOAS, Sérgio. **Estilo Magazine**: O texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.